



## Manifesto Maio Furta-cor 2025

- Eu estava grávida tinha já uns 5 meses. Eu não conseguia sentir nada, nem alegria, nem tristeza. Eu chorava escondido todo dia, porque as pessoas diziam que eu devia era tá feliz porque meu nenê estava saudável. Depois que ele nasceu, só piorou. Eu ficava sozinha o dia todo, nem trocava de roupa e só sentia tristeza e solidão. Eu dava mamá, dava banho, brincava com ele, mas por dentro eu estava morta. Sentia medo, sentia que ninguém me entendia. **Os médicos todos diziam que era normal, a enfermeira dizia que ia passar, minha família dizia que eu estava sendo dramática.**

- Eu rodei mais de 300km para poder ter o parto, fiquei longe da minha comunidade desde os 8 meses, tive uma cesárea. **Eu fiquei todo esse tempo sozinha.** Quando meu bebê nasceu, não me deixaram vestir com nossas contas nem cantar os rituais de boas vindas do meu povo. Voltei pra casa sem os remédios para não sentir dor e lá na comunidade não tem. Quando cheguei em casa, a tekoá estava queimada e tinham matado meu avô numa emboscada. Nosso território não é demarcado. **Eu só chorava e sentia vontade de morrer.** A cicatriz da cesárea infeccionou, tive febre e quase morri. Até hoje não me recuperei, tenho ansiedade e medo de morrer o tempo todo. Choro quase todo dia de uma tristeza muito profunda.

- Esse aqui é meu quarto filho. Eu tenho esquizofrenia mas hoje tô bem. Tomo os remédios certinho e não ouço mais as vozes nem tenho surtos. É bom estar assim, mas nem sempre foi desse jeito. Os meus outros filhos foram todos pra abrigo, eu não tenho contato com eles. É muito triste isso, porque eu queria estar com eles, vendo eles crescer, mas ninguém conseguiu tratar direito minha doença e eu sofri muitos anos. Diziam que eu era perigosa, agressiva, que eu surtava demais e usava droga. **Eu só precisava de tratamento.** O CAPs não funcionava na minha cidade, o remédio que hoje eu tomo não tinha no SUS. Só agora que tô bem, porque mudei de cidade e onde tô agora o tratamento é bom. Mas eu perdi meus filhos e não consigo ter eles de volta. Esse aqui vai ficar comigo, eu dô mamá para ele, faço ele dormir, cuido dele. Às vezes eu choro muito porque queria ter feito isso pelos outros três também.

- Eu sou mãe, não sou pai nem qualquer coisa que você ache. **Respeita.** Minhas filhas são tão minhas quanto minha identidade de gênero.

- Moro na periferia de São Paulo e quando engravidei, o pai do bebê sumiu. Eu estava desempregada, morava de favor, tinha parado de estudar. **Tive depressão pós-parto logo que o bebê nasceu, estava sem dinheiro, sem nada, de favor na casa dos outros.** Cada vez que o bebê chorava, me dava um acelero no peito porque eu não podia atrapalhar eles, se eles me mandassem embora, pra onde eu iria? Como iria sobreviver? Depois de uns meses, quando o bebê começou a comer, me pediram pra ir embora mesmo fui pra casa do meu pai, ele sempre bebeu e é agressivo. Fiquei lá uns meses também, consegui um bico, mas não achei creche. Não tinha com quem deixar o bebê para trabalhar. Aí entrei em desespero, tive uma ansiedade tão forte que parecia que eu ia morrer, me levaram pro hospital e lá me falaram que eu tava com ansiedade e depressão. Mas eu fico pensando que aguentei até demais, que eu só precisava de uma oportunidade e uma boa creche, o resto eu daria conta, eu conseguiria.

- Minha menina mais velha estava levando o irmão pequeno na creche quando uma bala perdida acertou a cabeça dela. **Ela morreu com ele no colo.** Desde então eu não tenho mais vida. Queria ter ido no lugar dela. Não quero mais falar sobre isso.

- **Eu sou bipolar e quando engravidei me mandaram parar com todos os remédios.** Eu fiz isso e no mês seguinte estava em mania. Depois, deprimi e passei os próximos 4 meses de cama, sem conseguir nem tomar banho. Quando o bebê nasceu, tive psicose, eu enlouqueci. O bebê foi levado para minha mãe cuidar e eu fiquei 3 meses internada. Quando voltei, estava melhor, meu humor estava bom, mas perdi o amor da minha filha. Ela não me reconhece como mãe e eu me sinto muito culpada por ela ter passado por tudo isso. Minha família me culpa, mas o que eu fiz de errado? Queria voltar no tempo e ter feito tudo diferente.

**Não somos iguais.**

**Nossas demandas não são as mesmas.**

**Nossa dor em muito se assemelha,  
mas sofremos cada uma de forma singular.**

**O que temos em comum é o grito forte e alto que  
exige o direito à saúde mental.**

**MAI**  *furta-cor*

A **ausência de políticas públicas** voltadas para os cuidados em saúde mental materna representa uma lacuna significativa no sistema de saúde, comprometendo o bem-estar da sociedade como um todo. A maternidade é um período repleto de transformações físicas e emocionais, sendo o maior período de vulnerabilidade ao adoecimento mental na vida de uma mulher.

**Sem um suporte adequado**, essas condições podem não apenas prejudicar a saúde da mãe, mas também afetar o desenvolvimento da criança, criando um ciclo de sofrimento que se perpetua. A falta de investimentos em programas de prevenção, acompanhamento médico e psicológico e suporte social resulta em um cenário onde muitas mulheres enfrentam suas dificuldades isoladamente.

Além disso, a estigmatização das questões de saúde mental ainda persiste, dificultando o acesso a tratamentos e a busca por ajuda. Portanto, **é urgente que os governos implementem políticas públicas integradas e eficazes, que garantam um cuidado integral às gestantes e puérperas** e que considerem a saúde mental como parte fundamental da saúde da mulher, especialmente durante a maternidade. Investir em saúde mental materna é investir no futuro das próximas gerações.

# Saúde mental materna, um direito de todas.

MAI  *furtacor*

*Patricia Piper*

SAÚDE MENTAL MATERNA IMPORTA  
Se importe com a mãe. Assuma essa causa.

[www.maiofurtacor.com.br](http://www.maiofurtacor.com.br)  
@maiofurtacor  
#saudementalmaternaimporta